

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**A Relação entre Inteligência Emocional, Personalidade e Luto: Um Estudo com Mães Enlutadas**

**Projeto final de Monografia** apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Discente:** Amanda Piovani Monteiro

**Orientador:** Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel

---

**Amanda Piovani Monteiro**

---

**Fabiano Koich Miguel**

São Carlos  
2025

## Resumo

O presente estudo tem o objetivo de investigar como a inteligência emocional e a personalidade se relacionam com o processo de luto em mães que perderam seus filhos. Participarão da pesquisa cerca de 50 pessoas, do gênero feminino, com idade superior a 18 anos. A coleta de dados será realizada por meio de questionários estruturados que avaliarão a inteligência emocional (TOHE, QoRE e QoE), personalidade (BFI) e luto (TRIG). Como resultado, espera-se verificar se indivíduos com altos níveis de inteligência emocional apresentam melhores estratégias adaptativas, resultando em um enfrentamento mais eficaz do luto. Além disso, acredita-se que certos traços de personalidade como a alta conscienciosidade e baixo neuroticismo, estejam associados a uma experiência de luto menos intensa e mais adaptativa. Prevê-se, também, que a interação entre alta inteligência emocional e traços de personalidade positivos (como amabilidade e abertura à experiência) conduza a uma experiência de luto mais saudável e menos disfuncional.

*Palavras-chave:* inteligência emocional, personalidade, luto, avaliação psicológica, testes informatizados.

## Introdução

Emoção e inteligência são dois temas que têm despertado interesse na Psicologia há mais de um século. Nesse sentido, a inteligência humana foi discutida por diversos teóricos ao longo do tempo, mas obteve maior relevância científica a partir dos estudos de Francis Galton (1883). O autor propôs uma teoria sobre a faculdade humana e seu desenvolvimento, bem como técnicas para medi-la, que possibilitaram uma nova maneira de entender a inteligência humana. Dessa forma, a partir de suas contribuições, as teorias acerca desse conceito consolidaram-se com o desenvolvimento de pesquisas e da criação de testes de inteligência, como propostos por Cattell, Binet e Simon, Terman, Wechsler (Sternberg et al., 2011). Assim, com tais avanços, surgiram duas correntes teóricas distintas para explicar o construto. A primeira defendia que inteligência apresentava-se como uma capacidade geral de compreensão e raciocínio, enquanto a segunda acreditava que o conceito relacionava-se com diversas capacidades mentais, as quais eram relativamente independentes umas das outras (Woyciekoski & Hutz, 2009).

Representando a primeira modalidade, em 1904 Spearman propôs que o desempenho em qualquer medida do intelecto humano indicaria a existência de uma inteligência composta por um fator geral (fator g) e outros fatores específicos (fatores s). O fator g diz respeito a um tipo de energia, com base neurológica, presente em todas as atividades intelectuais, capaz de ativar a capacidade do cérebro de realizar trabalhos. Já os fatores s correspondem a

habilidades específicas exigidas em cada tarefa (Spearman, 1904; 1927 como citado em Schelini et al., 2013). Algumas alternativas para a teoria de Spearman foram sugeridas como, por exemplo, a teoria de Thurstone, que propôs a existência de fatores independentes diferentes daqueles pensados por Spearman, entre eles: Espacial; Rapidez de Percepção; Numérico; Compreensão Verbal; Fluência Verbal; Memória e Raciocínio Indutivo (Almeida, 1988; Gardner, Kornhaber, & Wake, 1998; Sternberg, 1992; Thorndike, 1997 como citado em Schelini, 2006).

Posteriormente, Raymond Cattell foi capaz de conciliar as duas teorias ao analisar as correlações entre os fatores independentes de Thurstone e o fator g de Spearman, encontrando a existência de dois fatores gerais. John Horn, alguns anos depois, confirmou os achados de Cattell, intitulando-os como inteligência fluida e cristalizada (Cattell, 1998). O primeiro termo corresponde aos componentes não-verbais que estão mais relacionados a aspectos biológicos do que culturais e são pouco dependentes de conhecimentos previamente adquiridos (Aiken, 2000; Cattell, 1998; Horn, 1991; McGrew, 1997). Já o segundo está associado a habilidades desenvolvidas por meio de experiências culturais e educacionais, as quais são exigidas na resolução de problemas de maior complexidade presentes no cotidiano dos indivíduos (Horn, 1991). Além de ter confirmado a teoria dos dois fatores, Horn também expandiu o modelo, ao acrescentar ao sistema Gf-Gc outras capacidades cognitivas, como: o Processamento Visual; a Memória a Curto Prazo; o Armazenamento e a Recuperação a Longo Prazo; a Velocidade de Processamento, a Rapidez para a Decisão Correta e o Processamento Auditivo (McGrew & Flanagan, 1998).

A partir de análises dos estudos iniciais do modelo Gf-Gc, Carroll propôs uma hierarquia entre as habilidades intelectuais. Para isso, o estudioso realizou uma análise fatorial que examinou mais de 460 conjuntos de dados relativos a testes para avaliar capacidades cognitivas. A partir de seus resultados, postulou a Teoria dos Três Estratos, em que as capacidades intelectuais foram dispostas em diferentes camadas. O primeiro estrato é formado por capacidades específicas ou de primeira ordem; o segundo estrato é composto por capacidades mais amplas ou gerais (equivalente aos fatores); o último estrato corresponde a camada de capacidade geral, conhecida como g (Carroll, 1993). Assim, atualmente, na literatura da área, a combinação desses três modelos é conhecida como Teoria CHC das Capacidades Cognitiva (Schellini et al., 2013).

Outras capacidades intelectuais vêm sendo consideradas como parte do modelo CHC por alguns estudiosos, entre elas a inteligência emocional. Esse construto, na verdade, está presente na teoria desde o início, porém com o nome de inteligência social, que abrange

aspectos sociais e emocionais do comportamento (Carroll, 1993). Nesse sentido, o conceito passou a ser considerado como parte do modelo por alguns autores a partir de um estudo realizado em 2014 por MacCann et al., que associou medidas de inteligência emocional do *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) (Mayer et al., 2002, 2003) a testes de inteligência tradicionais. Os resultados confirmaram a hipótese de que a inteligência emocional é uma habilidade ampla, do mesmo modo que outras capacidades, as quais fazem parte do modelo CHC, e portanto, deveria ser considerada como parte dele.

Para compreender o funcionamento da inteligência emocional, isto é, raciocinar sobre informações emocionais, é necessário compreender a definição de emoção. A conceitualização desse construto é complexa, uma vez que existem multiplicidades de compreensões e teorias sobre seu funcionamento. De forma geral, entende-se que as emoções são um fenômeno momentâneo, decorrente de alterações psicológicas e fisiológicas, que surgem em resposta a experiências afetivas (Gazzaniga et al., 2018; Niedenthal et al., 2006; Nolen-Hoeksema et al., 2018; Strongman, 2003 como citado em Miguel, 2021). Entretanto, existem três principais linhas teóricas que explicam e definem emoções: as psicoevolucionistas, as cognitivistas e as sociais. A primeira teoria tem foco na função biológica de cada estado emocional, pois propõe que as emoções evoluíram de forma a se adaptar às necessidades do organismo e do mundo ao seu redor. Já a cognitivista relaciona as emoções à avaliação do evento, isso porque defende que os indivíduos julgam estímulos com base em sua história de vida, o que constitui um processo cognitivo. Por fim, a última considera o valor social, uma vez que as emoções teriam o papel de regular interações sociais. Outros autores têm proposto modelos integrativos que compreendem os focos de cada teoria, mas não os consideram excludentes entre si (Miguel et al., 2016).

Os conceitos de emoção e inteligência foram unidos e ampliados em uma proposta teórica conhecida como inteligência emocional (IE). Tal conceito foi apresentado pela primeira vez em 1990 por Peter Salovey e John Mayer. Os autores perceberam que conceitos de raciocínio sobre emoções tendiam a relacionar-se com outras medidas de inteligência e, potencialmente, entre si, formando um conjunto de capacidades cognitivas (Mayer et al., 1990; Salovey & Mayer, 1990). Dessa forma, o conceito foi primeiramente caracterizado como uma forma específica de inteligência social, abrangendo a capacidade de observar e reconhecer as emoções e sentimentos, tanto em si mesmo quanto nos outros. Essa habilidade ajudaria as pessoas a distinguir e empregar essas informações para direcionar seus pensamentos e comportamentos (Salovey & Mayer, 1990).

Com o avanço dos estudos, Mayer e Salovey (1997) revisaram o conceito, passando a defini-lo como:

“a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual” (Mayer & Salovey, 1997, p. 15).

Ademais, propuseram a existência de quatro componentes centrais da IE, os quais permanecem até os dias atuais: (1) percepção emocional; (2) facilitação do pensamento; (3) entendimento do conteúdo emocional; (4) gerenciamento emocional (Mayer et al., 2016). A percepção emocional diz respeito à capacidade de identificar estados emocionais por meio de habilidades como reconhecimento e nomeação das emoções, em si mesmo e nos demais indivíduos. O segundo componente emocional, facilitação do pensamento, está relacionado a capacidade de obter um melhor desempenho intelectual através da geração e adequação de emoções. A compreensão emocional está associada à percepção emocional e leitura do ambiente, e de que forma corroboram para o surgimento, mescla e alteração dessas emoções. A quarta habilidade, gerenciamento emocional, inclui a capacidade de regulação e manutenção de estados emocionais em si mesmo e nos demais (Miguel, 2021).

Embora tenha originado-se na comunidade acadêmica com as contribuições de Mayer e Salovey, o conceito de IE popularizou-se com a publicação do livro *Inteligência Emocional* de Daniel Goleman (1995). Nessa obra, o autor ampliou a definição ao acrescentar às habilidades cognitivas vários atributos da personalidade (Neta et al., 2008). Além disso, propôs cinco componentes principais da IE: (1) domínio das próprias emoções; (2) lidar com as emoções; (3) motivar-se; (4) reconhecer emoções nos outros e (5) lidar com relacionamentos (Goleman, 1995). O modelo de Goleman foi duramente criticado pela comunidade científica (Mayer et al., 2002) em razão da falta de embasamento científico e da alusão a áreas amplas da personalidade. Ademais, embora a rápida popularização tenha dinamizado e aumentado o interesse pela IE, também levou ao surgimento de compreensões superficiais acerca do construto, que corroboram para o surgimento de intervenções sem embasamento científico (Miguel, 2021).

Nesse sentido, observa-se que outros modelos alternativos surgiram, sendo que, atualmente, o mais conhecido é o modelo de traço de inteligência emocional, que constitui-se como a percepção do indivíduo frente às experiências emocionais e sua capacidade de lidar com elas, englobando os traços de personalidade: Bem-Estar; Autocontrole; Emocionalidade

e Sociabilidade (Petrides & Furnham, 2001). O bem-estar está ligado a sensações de felicidade e plenitude quando o indivíduo avalia suas conquistas anteriores e suas perspectivas para o futuro. A sociabilidade diz respeito a qualidade percebida pelos indivíduos acerca de suas interações sociais, bem como ao nível de segurança que ele sente nessas relações. A emocionalidade envolve uma ampla variedade de experiências emocionais e a qualidade delas. Por fim, o autocontrole está vinculado à percepção de como a pessoa administra seus desejos em relação às suas necessidades (Miguel, 2021). Como esse modelo diz respeito às autopercepções sobre as capacidades emocionais, recentemente vem sendo chamado de autoeficácia emocional (Petrides et al., 2016).

Pode-se afirmar que a inteligência emocional é um construto presente em diversos aspectos da vida do indivíduo, como profissional, social ou acadêmica. Por exemplo, tal fato fica evidente no estudo de Kuok (2022), em que altos índices de inteligência emocional e de controle de si mesmos apresentavam maior probabilidade de se engajar no trabalho cognitivamente, emocionalmente e fisicamente. Ou também o estudo de Usán et al. (2019), que encontrou relações positivas entre desempenho escolar e dimensões de compreensão e regulação emocional, bem como com a eficácia acadêmica.

Dessa forma, a partir da análise dos estudos discutidos acima, entende-se que a inteligência emocional está presente em diversas áreas da vida do indivíduo, e se conecta a outros conceitos, como a personalidade. Ela interage com os traços de personalidade e influencia como eles são expressos e percebidos em contextos sociais (Elliot & Thrash, 2002). Sob essa perspectiva, Salovey et al., (2004) apontaram que a IE está correlacionada com os traços de personalidade amabilidade, abertura e conscienciosidade, de forma que indivíduos que são mais conscientes, abertos a novas experiências e amáveis estão, portanto, mais propensos a exibir comportamentos associados a uma alta IE. Isto posto, torna-se imprescindível abordar os traços de personalidade e o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF).

O estudo dos traços de personalidade teve início nas teorias fatoriais da personalidade desenvolvidas por autores como Gordon Allport, Raymond Cattell e Hans Eysenck (Pires et al., 2019). Esses estudiosos usaram análises fatoriais para investigar como os fenômenos psicológicos poderiam ser interpretados em relação a dimensões ou fatores (Nunes et al., 2017). Nesse sentido, de forma geral, traço de personalidade pode ser entendido como algo “característico da cognição, afeto ou comportamento de um indivíduo que tende a ser estável ao longo do tempo e consistente em situações relevantes” (Soto et al., 2016, p.2). Atualmente, existem diversos modelos que organizam hierarquicamente os traços de personalidade e os

discutem, embora o mais aceito na comunidade científica seja o modelo CGF (John et al., 2009; Silva & Nakano, 2011). Tal modelo descreve os traços de personalidade a partir de conceitos básicos bem fundamentados, o que permite que ele forneça uma estrutura considerável e superior a outros modelos (De Raad & Perugini, 2002).

O modelo CGF é composto por cinco fatores, sendo eles: o Neuroticismo, a Amabilidade, a Conscienciosidade, a Abertura para a Experiência e a Extroversão. O Neuroticismo indica o nível de regulação emocional das pessoas, bem como a forma que o indivíduo experiencia emoções negativas e as expressa no cotidiano. A amabilidade está relacionada com a qualidade e profundidade das interações interpessoais que o indivíduo mantém. A conscienciosidade aponta para o nível de responsabilidade, disciplina e comprometimento com a qualidade no que os indivíduos fazem. A abertura indica a tendência a comportamentos exploratórios e o interesse por novas experiências. A extroversão está associada ao modo como os indivíduos interagem com os demais, levando em consideração a quantidade e qualidade das relações.

Assim como acontece com a IE, os traços de personalidade se relacionam com diversos aspectos da vida dos indivíduos. Esse fato é evidenciado por diversos estudos, como por exemplo, o de Carvalho e Novo (2014), o qual teve como objetivo analisar a relação entre personalidade e comportamentos-problema no contexto escolar. Os resultados apontaram que os indivíduos com frequência mais elevada de comportamentos problemáticos, apresentaram índices mais elevados nas dimensões da personalidade analisadas (agressividade, psicoticismo, desinibição, neuroticismo, introversão). O estudo de Bagby et al., (2008) também evidencia a relação da personalidade com múltiplos aspectos do cotidiano dos indivíduos, ao analisar a relação entre depressão e personalidade. Os resultados da pesquisa demonstram que a consideração das características de personalidade é crucial para a compreensão e o manejo da depressão maior, bem como ser útil para o diagnóstico e tratamento.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a personalidade está presente em outros processos como o luto. Meuser & Marwit (2000) identificaram que traços adaptativos são necessários para que o luto ocorra de forma eficaz, enquanto traços menos adaptativos, como o neuroticismo, podem colocar o indivíduo em risco de ter complicações no processo do luto. Middleton et al. (1997) relataram que o neuroticismo e a ansiedade traço estão fortemente associados aos sintomas centrais do luto em diversas populações, como pais enlutados. A extroversão também tem sido apontada como um possível facilitador do luto, entretanto, estudos demonstraram que sua influência não é relevante para a determinação da intensidade

do luto (Meuser & Marwit, 2000 como citado em Tristan Robinson & Samuel J. Marwit, 2006).

A primeira teoria psicológica acerca desse construto foi elaborada por A.F. Shand (1914), em que descreveu o luto como “as leis do sofrimento”, além de aspectos relacionados a ele, como a necessidade de apoio social e o trauma associado à morte súbita. Entretanto, foi com as teorias psicanalíticas de Freud que as ideias relacionadas ao luto se consolidaram. No livro "Luto e Melancolia", o autor caracteriza o luto como um processo que surge em resposta à perda de um ente querido ou de algo que possuía um valor semelhante, sem constituir-se como um processo psicopatológico (Freud, 1996). A significativa contribuição dos estudos de Freud acerca desse conceito é o que ele denominou de “trabalho de luto”, que consiste em reorientar a energia libidinal do indivíduo enlutado para outro objeto, pois, após a perda, esse objeto deixa de existir (Freud, 1996).

Outros autores posteriores a Freud dedicaram-se ao desenvolvimento de teorias com o objetivo de sistematizar o processo de luto. Dentre os estudiosos destacados está John Bowlby, conhecido por desenvolver a Teoria do Apego (1990). Nessa teoria, ele enfatiza a importância do afeto para o desenvolvimento humano, e argumenta que os padrões de comportamento estabelecidos na infância influenciam a vida adulta dos indivíduos. Ao aplicar esse olhar sob o luto, entende-se que a forma que o indivíduo vivencia esse processo está relacionado com as experiências que teve na infância. Assim, para Bowlby o luto é um processo que tem início após a perda de um objeto querido e acompanha o enlutado por um período de tempo, de forma que o enfrentamento do luto reflete experiências ocorridas na infância (Cavalcante, 2020). Outro teórico que se dedicou a estudar o processo do luto foi Parkes (1998). O autor argumenta que o luto é uma experiência natural para todos os indivíduos e não deve ser tratado como uma doença mental. Além disso, afirma que, embora não cause dor física, o luto pode gerar desconforto e alterações mentais, manifestando-se como uma série progressiva de sintomas clínicos que se mesclam e se sucedem (Parkes, 1998).

Para Worden (1998) os indivíduos enlutados precisariam encontrar formas de manter uma conexão com o objeto perdido, diferentemente do proposto por Freud. Nessa perspectiva, elaborou o Modelo de Tarefas, em que quatro tarefas deveriam ser realizadas durante o período do luto: aceitar a realidade da perda, experienciar e processar a dor, a adaptação ao ambiente, e reinvestir em outras relações (Worden, 1993 como citado em Ramos, 2016). Dessa forma, para o autor, o processo do luto encerra-se quando o enlutado passa por todas as

tarefas descritas, as quais podem ser trabalhadas diversas vezes no decorrer do tempo, de forma simultânea (Ramos, 2016).

Além do Modelo de Tarefas de Worden, existem outros modelos teóricos que sistematizaram o processo de luto, como: (1) o Modelo de Cinco Estágios (Kübler-Ross, 1969), (2) Modelo Experiencial (Hogan et al., 2001), (3) Modelo de Quatro Componentes (Bonanno & Kaltman, 1999), (4) Modelo de Processo Duplo (Stroebe & Schut, 1999) e o (5) Modelo de Duas Faixas (Rubin, 1999; Rubin et al., 2009). Atualmente, o mais conhecido deles é o Modelo de Cinco Estágios de Kübler-Ross (1969). A autora defende que nem todos os indivíduos vão experienciar o luto da mesma maneira, mas grande parte das pessoas vivenciam esse processo em cinco estágios: negação; raiva; barganha; depressão e aceitação (Netto, 2015).

Com base nas teorias e modelos apresentados, o luto pode ser entendido como um processo complexo e multifacetado. Na maioria das vezes, compreende-se o luto como uma reação à morte, que varia de acordo com a cultura, pensamentos e individualidade dos enlutados (Lopes et al., 2017). Entretanto, esse processo pode se agravar em diversos contextos, como por exemplo, em mães enlutadas. Isso porque a morte prematura de um filho rompe com o ciclo natural da vida, e gera para a mãe consequências intensas, sendo compreendida por alguns autores como o evento mais avassalador que uma figura materna pode enfrentar (Franqueira & Magalhães, 2003 como citado em Suárez et al., 2020).

A respeito do luto materno pode-se afirmar que a morte de um filho impacta diretamente a dimensão pessoal, relação com parceiro, sistema familiar e o contexto social de mulheres que sofrem essa perda (Caselatto, 2002). Freitas e Michel (2014) encontraram no relato de mães enlutadas dez elementos presentes no processo de luto materno: dor; perda de seu modo de existir; espiritualidade; culpa; perda do sentido do mundo-da-vida; vontade de morrer; fragmentação dos laços afetivos; engajamento em projetos relacionados ao filho; perpetuação da memória do filho; estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto. Os autores também identificaram que, apesar da experiência do luto materno se modificar com o tempo, jamais é superada (Freitas & Michel, 2014). Por fim, também é importante ressaltar que o luto parental se apresenta como um fator de risco para o desenvolvimento de um luto complicado (Muza et al., 2013), ou seja, o indivíduo pode apresentar um conjunto de complicações físicas e mentais, as quais relacionam-se com o processo de luto (Lichtenhal et al., 2004). Dessa forma torna-se necessário investigar os elementos que influenciam a vivência e enfrentamento do luto materno.

Sob essa ótica, um fator importante para compreender as respostas do luto materno é o tempo transcorrido desde a perda. Isso porque, o luto é um processo dinâmico e individualizado que flutua ao longo do tempo em resposta a vários processos internos e circunstâncias externas (Pepergova, 2025). Logo após a perda, é comum que mães enlutadas enfrentem um luto intenso, marcado por sentimentos profundos de saudade, dor, pensamentos recorrentes e lembranças vívidas do filho falecido (Andrade et al., 2017). Com o passar do tempo, é esperado que essas reações diminuam gradualmente, conforme a mãe começa a se reorganizar emocionalmente e a incorporar a ausência em sua rotina cotidiana. Entretanto, em alguns casos, sintomas persistentes podem durar anos ou até décadas, caracterizando o chamado luto complicado (Djelantik et al., 2020). Embora diversas investigações indiquem que períodos mais curtos desde a perda tendem a estar associados a reações de luto mais intensas e períodos mais longos a respostas mais atenuadas, há também estudos que apontam que o tempo, isoladamente, não é suficiente para explicar a complexidade dessas respostas, visto que elas podem ser influenciadas por outros fatores, como a capacidade de compreender e regular as próprias emoções, ou seja, inteligência emocional (Djelantik et al., 2020; Gupta & Bonanno, 2011; Lunderoff et al., 2020; Schwartz et al., 2018)

Nesse sentido, a inteligência emocional também está relacionada com o processo de luto, visto que, de acordo com Gupta e Bonanno (2011), há um número crescente de evidências sugerindo que os déficits na regulação emocional podem ser fundamentais para as reações desadaptativas durante o luto. Além disso, Bonanno e Kaltman (1999), verificaram que regular emoções de forma adequada correlacionava-se com emoções positivas, o que auxiliava os indivíduos no seu processo de luto. Outros autores, como Penã et al., (2021), também encontraram uma relação forte entre a capacidade de regular as emoções e a saúde mental durante o luto, indicando que essa habilidade pode ser fundamental para o bem-estar nesse período. Nesse sentido, torna-se necessário compreender de maneira mais aprofundada o luto.

Ao analisar as discussões acima, percebe-se que o luto, a inteligência emocional e a personalidade estão interligados. No entanto, o levantamento realizado por este estudo revelou poucas pesquisas que correlacionam esses três construtos. Assim, é evidente a necessidade de uma investigação mais aprofundada para compreender como a inteligência emocional e a personalidade influenciam o processo de enfrentamento do luto. Isso é especialmente importante para as mães enlutadas, que são uma população de risco para o luto complicado.

## **Objetivos**

## *Geral*

O objetivo desta pesquisa foi investigar como a inteligência emocional e a personalidade se relacionam com o processo de luto em mães que perderam seus filhos, a fim de determinar estratégias eficazes para lidar com a perda.

## *Objetivos específicos*

- a) Avaliar inteligência emocional, personalidade e luto;
- b) Correlacionar luto e inteligência emocional;
- c) Correlacionar luto e personalidade;
- d) Compreender a interrelação entre inteligência emocional, personalidade e luto.

## **Hipóteses**

O presente estudo teve como hipóteses: (1) Indivíduos com altos níveis de inteligência emocional podem apresentar melhores estratégias adaptativas, e conseqüentemente, um melhor enfrentamento do luto; (2) Certos traços de personalidade, como alta conscienciosidade e baixo neuroticismo, podem estar associados a uma experiência de luto menos intensa e mais adaptativa; (3) A interação entre alta inteligência emocional e traços de personalidade positivos (como amabilidade e abertura à experiência) podem resultar em uma experiência de luto mais saudável e menos disfuncional.

## **Método**

### **Participantes**

O estudo contou com a participação de 56 mulheres com idades variando entre 20 e 60 anos ( $M=41,17$ ;  $DP=10,20$ ). Em relação à escolaridade, 5 (8,9%) possuíam até ensino fundamental, 19 (33,9%) até ensino médio, 13 (23,2%) até ensino superior e 19 (33,9%) pós-graduação. Em relação às regiões do Brasil, foram 1 (1,8%) do Norte, 5 (8,9%) do Nordeste, 1 (1,8%) do Centro-Oeste, 41 (73,2%) do Sudeste e 8 (14,3%) do Sul.

As participantes incluídas no estudo foram mães que estavam passando pelo processo de luto pela perda de um filho dentro das seguintes classificações: 26 mulheres enlutadas por óbito gestacional (ocorre antes das 28 semanas de gestação); 7 por óbito neonatal (0-28 dias de vida); 23 por óbitos em outras fases do desenvolvimento (Diretoria de Vigilância Epidemiológica [DIVEP], n.d.). Os critérios de exclusão estabeleciam que as participantes deveriam ter a capacidade de leitura e acesso à internet.

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados foram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), questionário de caracterização sociodemográfica, o Teste de Organização de Histórias Emocionais (TOHE), o Questionário Online de Regulação Emocional (QoRE), o Questionário Online de Empatia (QoE), o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (BFI) e o Texas Revised Inventory of Grief (TRIG).

O questionário de dados sociodemográficos coletou informações importantes para as análises, como idade, sexo, estado de residência e escolaridade. Nenhuma informação que possa identificar a pessoa como nome ou e-mail foi coletada.

O TOHE é composto por 11 itens, os quais são apresentados em formato de desenho, para que o avaliando os organize de forma a criar uma história com uma sequência cronológica coerente. O teste apresenta dois escores: Organização (TOHE-O) e Sociabilidade (TOHE-S). O primeiro avalia aspectos cognitivos, enquanto o segundo aspectos da personalidade (Miguel, 2021).

O QoRE é um inventário de autorrelato composto por 18 itens, os quais são respondidos em uma escala Likert de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) pontos (Wiltenburg & Miguel, 2021). Ele busca avaliar: o controle da impulsividade e irritabilidade; controle da sobrecarga emocional e resiliência (Miguel, 2021).

O QoE é composto por 23 itens, os quais são respondidos em uma escala Likert de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) pontos. O teste busca avaliar: responsividade; respeito e disponibilidade (Miguel et al., 2018).

O BFI é composto por 44 itens, os quais são respondidos em escala Likert. Ele tem como objetivo avaliar os cinco principais fatores de personalidade propostos pelo modelo CGF: Neuroticismo, a Amabilidade, a Conscienciosidade, a Abertura para a Experiência e a Extroversão.

Por fim, também foi utilizado o TRIG na versão adaptada para o português. Ele é composto por duas sub-escalas principais, sendo que uma delas foca no comportamento passado (Parte I contendo 8 itens), enquanto a outra no presente (Parte II contendo 13 itens). Ambas as escalas são apresentadas no formato de perguntas, avaliadas em uma escala Likert de 1 (completamente verdadeiro) a 5 (completamente falso). Além disso, o inventário possui itens adicionais que avaliam a natureza do relacionamento com o falecido, a proximidade, tempo transcorrido desde a morte, etc. Esses fatores combinados permitem uma avaliação dinâmica do processo do luto, bem como progresso do indivíduo ao longo dos estágios do luto (Barros, 2008).

## **Procedimentos**

### *Etapa 1 - Condução dos procedimentos éticos*

Esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos. Os participantes só participaram do estudo após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, o qual apresentou de forma clara os procedimentos pelos quais o participante passaria ao aceitar participar da pesquisa.

### *Etapa 2 - Recrutamento dos participantes*

Após a aprovação do projeto no comitê de ética, a pesquisadora enviou os convites de divulgação da pesquisa em aplicativos de mensagens e nas redes sociais, como Whatsapp.

### *Etapa 3 - Coleta de dados*

Após os participantes demonstrarem interesse na pesquisa mediante ao convite enviado pela pesquisadora, ela apresentou o objetivo da pesquisa (analisar a relação entre personalidade, inteligência emocional e luto) e enviou o link para o sistema de aplicação. Seguindo as diretrizes nacionais e internacionais para aplicação em ambiente informatizado (Conselho Federal de Psicologia, 2022; International Test Commission, 2005), o TCLE foi a primeira e única tela a ser apresentada para o participante quando ele acessava o website da pesquisa. Quando o participante concordava em participar, ele tinha acesso aos demais instrumentos. Tanto o TCLE, quanto os demais instrumentos foram alocados na plataforma Google Forms. Em primeiro lugar, o participante preenchia o formulário de caracterização sociodemográfica, que possui duração de 5 minutos. Em seguida foi apresentado o TOHE, que possui a duração de 12 minutos, posteriormente o QoRE e o QoE, que possuem a duração de 2 e 3 minutos, respectivamente. Posteriormente, os participantes foram submetidos ao BFI, que possui duração de 6 minutos. Por fim, foi apresentado o TRIG, que possui duração de 10 minutos. É importante destacar que todos os instrumentos possuíam instruções em seu início, sendo autoaplicáveis.

Os dados dos participantes foram armazenados de forma segura em um banco de dados eletrônico, protegido por uma senha conhecida apenas pelo pesquisador responsável. Não foram registradas informações que identifiquem os participantes, como nome ou CPF, apenas dados sociodemográficos como idade, sexo, escolaridade e estado de residência.

#### *Etapa 4 - Análise de dados*

Os dados coletados foram armazenados em um banco de dados para que se possa realizar as análises estatísticas. Inicialmente foram conduzidas estatísticas descritivas para se verificar a distribuição dos escores nos instrumentos. Em seguida, os resultados do TRIG foram relacionados com os outros instrumentos, utilizando-se análises de correlação, com objetivo de se entender como a experiência do luto está relacionada com inteligência emocional e com personalidade. Para a interpretação dos níveis de correlação, considerou-se ao redor de 0,10 como leves, ao redor de 0,30 como moderados e ao redor de 0,50 como fortes (Cohen, 1992). Para se compreender a interação entre todos os construtos, também foi conduzida análise de rede.

### **Resultados**

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas dos instrumentos. Para os escores com normas brasileiras (TOHE, QoRE e QoE), é possível perceber que os resultados dos participantes mostraram-se próximos da expectativa normativa, isto é, médias próximas de 0 e desvio-padrão 1. Os outros instrumentos (BFI e TRIG) ainda não possuem normas brasileiras, contudo foi possível observar variação dentro de faixas consistentes com suas respectivas escalas, o que sugere uma boa dispersão das respostas sem concentração excessiva em valores extremos.

**Tabela 1**

#### **Estatísticas Descritivas Dos Testes TOHE; QoRE; QoE; BFI e TRIG**

Instrumento	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
TOHE Organização	-0,30	1,13	-3,57	1,87
TOHE Sociabilidade	-0,40	1,06	-2,51	2,79
QoRE Total	-0,39	0,98	-2,55	2,16
QoRE 1 Impulsividade e Irritabilidade	0,31	0,96	-2,48	1,24
QoRE 2 Sobrecarga	-0,38	0,92	-2,21	2,17

emocional				
QoRE 3 Resiliência	-0,37	0,99	-2,38	2,33
QoE Total	0,09	0,92	-2,86	1,72
QoE 1 Responsividade	0,04	1,03	-3,48	1,84
QoE 2 Respeito	0,18	0,99	-2,86	2,00
QoE 3 Disponibilidade	-0,9	0,91	-2,24	1,73
BFI Extroversão	19,64	4,07	8,00	27,00
BFI Agradabilidade	22,55	3,11	11,00	28,00
BFI Conscienciosidade	22,70	4,13	11,00	30,00
BFI Neuroticismo	20,39	4,72	10,00	30,00
BFI Abertura à Experiência	18,96	4,31	9,00	30,00
TRIG Total	75,05	18,90	28,00	100,00
TRIG 1 Comportamento passado	24,89	7,63	9,00	35,00
TRIG 2 Sentimentos do presente	50,16	12,87	18,00	65,00

Ao realizar a análise de consistência interna dos instrumentos, observou-se um alto nível de correlação entre os escores do TRIG ( $r = 0,68$ ) e entre os escores do QoRE ( $r$  variando de 0,71 a 0,77), resultados compatíveis com os respectivos estudos de validade de cada instrumento. Nesse sentido, optou-se por utilizar o escore total para esses instrumentos, uma vez que as correlações com os fatores mostraram-se redundantes. Contudo, o mesmo não ocorreu com o QoE, indicando maior independência entre seus três fatores ( $r = 0,08$  a 0,24). Por esse motivo, nas análises foram utilizados os três fatores de empatia, em vez do escore total.

Em seguida, foram realizadas análises de correlação de Spearman entre os escores do TRIG e os demais instrumentos utilizados, cujos resultados estão apresentados na Tabela 2.

Observou-se que o sofrimento relacionado ao luto apresentou correlações fortes com compreensão emocional, regulação emocional e neuroticismo. Também foram identificadas correlações moderadas com sociabilidade, empatia compassiva, extroversão e agradabilidade. As demais variáveis apresentaram correlações fracas ou próximas de zero.

Por fim, a variável referente ao tempo transcorrido desde a perda mostrou baixa associação com os escores de sofrimento pelo luto, inteligência emocional e traços de personalidade.

**Tabela 2**

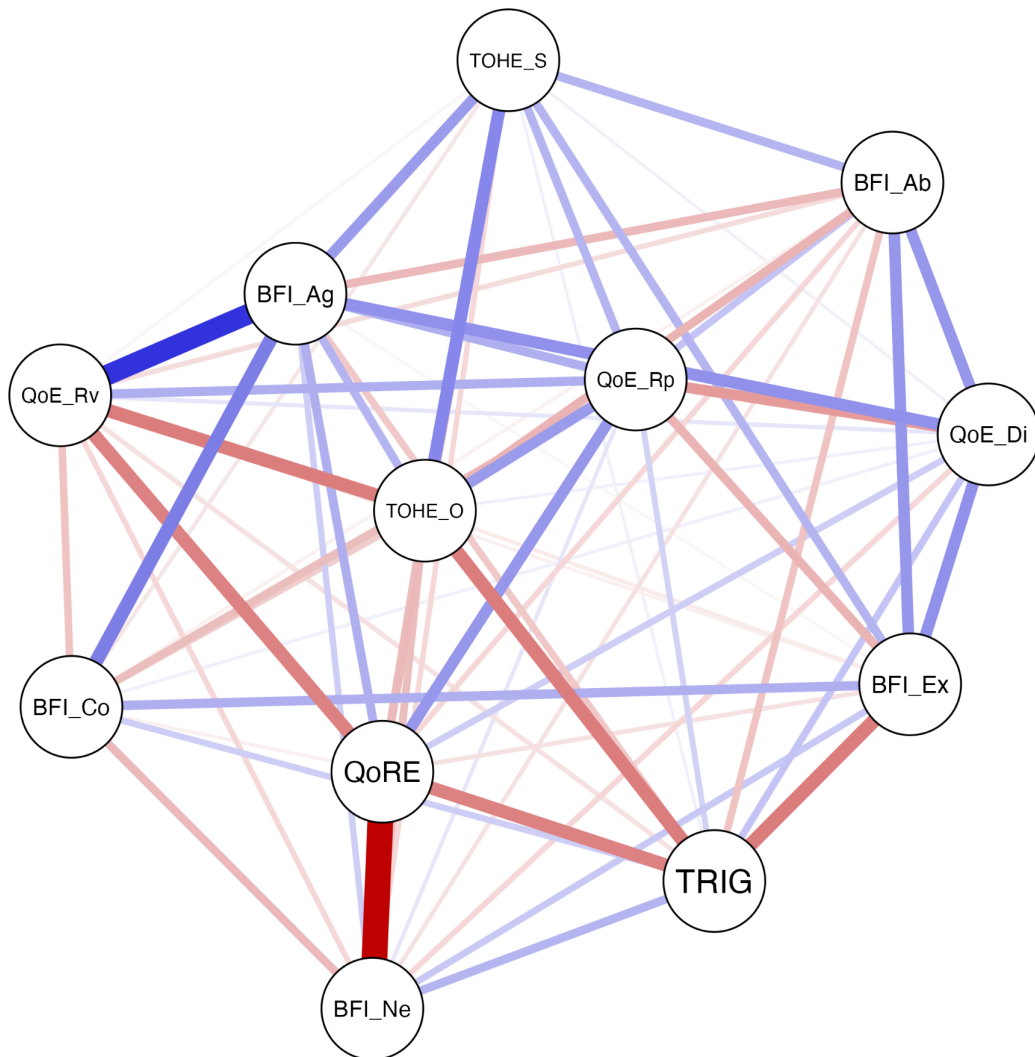
**Correlações de Pearson do TRIG com as outras Variáveis**

	TRIG Total	TRIG23 Tempo transcorrido
TOHE OZ	-0,52***	0,08
TOHE SZ	-0,41**	-0,15
QoRE T	-0,61***	0,28*
QoE Responsividade	0,06	-0,11
QoE Respeito	-0,21	0,05
QoE Disponibilidade	-0,33*	0,01
BFI Extroversão	-0,32*	-0,10
BFI Agradabilidade	-0,39**	-0,06
BFI Conscienciosidade	-0,04	0,22
BFI Neuroticismo	0,60***	-0,25
BFI Abertura à experiência	-0,25	0,17
TRIG23 Tempo transcorrido	-0,13	-

Com o objetivo de compreender a inter-relação entre as variáveis investigadas, foi realizada uma análise de rede, cujos resultados estão apresentados na Figura 1. A partir da representação gráfica, observa-se que a compreensão emocional se destaca como o construto mais central da rede, evidenciando fortes conexões com outras variáveis. Entre os conceitos

psicológicos mais associados à experiência do luto, destacam-se a regulação emocional, a compreensão emocional e a extroversão.

**Figura 1.**  
**Análise de rede dos instrumentos.**



A partir da análise de rede, pode-se perceber que regulação emocional e neuroticismo mostraram-se altamente correlacionados (negativamente), assim como os fatores de empatia e agradabilidade (positivamente). Esse padrão era esperado, uma vez que esses construtos mostram-se convergentes na literatura.

Em relação à parte inferior da imagem, percebe-se que o sofrimento no luto se relaciona mais proximamente com regulação emocional, neuroticismo e extroversão. Há também uma relação direta com compreensão emocional. Este último construto apresenta-se como principal moderador entre o sofrimento no luto e os construtos na parte superior da rede. Nesse sentido, traços como agradabilidade, empatia, sociabilidade e abertura podem ser fatores protetivos para o desenvolvimento da compreensão.

Em seguida realizamos análise de regressão linear buscando identificar os aspectos mais associados ao luto, e os resultados corroboraram o que foi apresentado na análise de rede. As variáveis que permaneceram no modelo foram regulação emocional (QoRE;  $\beta = -0,51$ ;  $p = 0,000$ ), compreensão emocional (TOHE Organização;  $\beta = -0,31$ ;  $p = 0,002$ ) e extroversão (BFI Extroversão;  $\beta = -0,29$ ;  $p = 0,002$ ). O R quadrado ajustado foi de 0,57, indicando que a interação entre as três variáveis remanescentes explica fortemente o sofrimento no luto. Considera-se que o neuroticismo não se manteve no modelo devido à alta colinearidade com regulação emocional.

### **Discussão**

O presente estudo investigou as relações entre traços de personalidade, inteligência emocional e sofrimento pelo luto em mães enlutadas, com base em hipóteses formuladas a partir da literatura prévia. De modo geral, os resultados corroboram tais hipóteses ao evidenciarem que aspectos específicos da inteligência emocional — notadamente a regulação emocional e a compreensão emocional — bem como o traço de personalidade extroversão, estão significativamente associados a um melhor enfrentamento do luto. Esses achados estão em consonância com estudos anteriores que destacam o papel da regulação emocional como um recurso central no enfrentamento do luto. (Bonanno & Kaltman, 1999; Gupta & Bonanno, 2011; Peña et al., 2021). Da mesma forma, a associação entre extroversão e melhor ajustamento ao luto encontram respaldo na literatura, que aponta esse traço como um facilitador da expressão emocional e do engajamento em redes de apoio social — fatores protetivos reconhecidos no contexto do luto (Meuser & Marwit, 2000, conforme citado em Tristan Robinson & Marwit, 2006).

Em relação à Hipótese 1, de que indivíduos com altos níveis de inteligência emocional apresentariam estratégias mais adaptativas e, conseqüentemente, um melhor enfrentamento do luto, os resultados confirmaram essa proposição. Observou-se que o sofrimento pelo luto, mensurado pelo TRIG, apresentou correlação negativa e significativa com os fatores Organização ( $r = -0,52$ ) e Sociabilidade (SZ) ( $r = -0,41$ ) do TOHE, bem como com o escore

total do QoRE ( $r = -0,61$ ), sugerindo que uma melhor compreensão do funcionamento das emoções e maior qualidade na regulação emocional estão associadas a níveis mais baixos de sofrimento. Esses achados têm suporte na literatura, que destaca a regulação emocional como um dos principais mecanismos adaptativos diante de perdas significativas (Bonanno & Kaltman 1999; Gupta & Bonanno 2011).

A respeito da Hipótese 2, de que certos traços de personalidade, como alta conscienciosidade e baixo neuroticismo, podem estar associados a uma experiência de luto menos intensa e mais adaptativa, os resultados confirmaram parcialmente essa suposição. Observou-se uma correlação negativa significativa entre o sofrimento pelo luto (TRIG T) e o traço de neuroticismo ( $r = -0,39$ ), indicando que níveis mais elevados de instabilidade emocional estão associados a maiores níveis de sofrimento. Esse achado está alinhado com as pesquisas que mostram que o neuroticismo está fortemente associado aos sintomas centrais do luto em diversas populações (Middleton et al., 1997; Bonanno et al., 2002; Boyraz et al., 2010). Contudo, as correlações foram extremamente baixas com conscienciosidade, indicando que este fator de personalidade pouco se relaciona com o processo de luto em mães. Tal achado está em consonância com a literatura, que aponta para uma associação fraca ou inexistente entre conscienciosidade e luto complicado (Robinaugh et al., 2014; Xu et al., 2020).

A Hipótese 3, de que a interação entre alta inteligência emocional e traços de personalidade positivos (como amabilidade e abertura à experiência) poderia resultar em uma experiência de luto mais saudável e menos disfuncional, foi parcialmente confirmada. A análise de rede revelou que traços como empatia, agradabilidade e abertura estão associados a maior compreensão emocional, que se mostrou um dos principais moderadores entre os aspectos emocionais e o sofrimento no luto. Além disso, a análise de regressão indicou que regulação emocional, compreensão emocional e extroversão explicam conjuntamente 57% da variância do sofrimento, reforçando o papel protetivo desses fatores no enfrentamento do luto. Essa hipótese está de acordo com a literatura, que aponta que altos níveis de inteligência emocional estão associados a uma maior capacidade de enfrentamento diante de perdas (Sánchez-Ruiz et al., 2021; Lopes et al., 2003) e que traços como extroversão, amabilidade e abertura à experiência estão relacionados a menores níveis de sofrimento psicológico em situações de luto (Lundorff et al., 2020; Taylor, 2010).

Um resultado que merece atenção foi a baixa relação entre tempo transcorrido desde o óbito e o nível de sofrimento atual. Este fato mostra que o simples passar do tempo não se relaciona com a melhoria ou não do sofrimento, inclusive com a variável tempo não

permanecendo no modelo de regressão linear. Tal evidência está em consonância com a literatura, que sugere que o tempo decorrido desde a perda não é, por si só, um fator determinante no enfrentamento do luto (Milic et al., 2017; Pepegova, 2025).

É importante destacar que outras variáveis analisadas, como a responsividade, respeito e disponibilidade (QoE) assim como os traços de personalidade de conscienciosidade e abertura à experiência (BFI) não apresentaram correlações estatisticamente significativas. Isso, contudo, não implica que essas dimensões sejam irrelevantes no processo de enfrentamento do luto. A ausência de significância estatística pode refletir limitações amostrais, variações individuais ou ainda indicar que esses fatores atuam de maneira mais indireta ou em conjunto com outras variáveis no processo de luto. De fato, por meio da análise de rede, foi possível perceber que essas outras variáveis se relacionam entre si e podem ser fatores protetivos para o desenvolvimento da compreensão emocional, o que, por sua vez, se relaciona diretamente com um processo mais saudável de luto. Os resultados da análise de rede, corroborados pela regressão linear, indicaram que a compreensão emergiu como o centro do sistema, funcionando como integradora das competências emocionais, traços de personalidade e o sofrimento associado ao luto. Sua centralidade sugere que indivíduos com melhor compreensão do funcionamento dos seus estados emocionais tendem a manifestar maior empatia, compaixão e melhores habilidades de regulação emocional, o que, por sua vez, contribuiu para a atenuação do sofrimento emocional. Ademais, os componentes da empatia (empatia afetiva, cognitiva e compaixão) ocuparam posições intermediárias, funcionando como mediadores para os efeitos adaptativos de outros fatores da personalidade e competências emocionais. Portanto, o modelo sugere que intervenções focadas no fortalecimento da compreensão e da regulação das emoções, associado ao aumento de comportamentos pró-sociais, tendem a ter um impacto adaptativo sobre a redução do sofrimento associado ao luto.

Não obstante, algumas limitações deste estudo devem ser reconhecidas. Primeiramente, o tamanho reduzido da amostra ( $N = 56$ ), o qual se deve, em grande parte, à dificuldade de acesso ao público-alvo, composto por mulheres em situação de luto, que frequentemente se encontram emocionalmente fragilizadas e menos disponíveis para participar de pesquisas. Outro fator limitante refere-se ao fato de a coleta de dados ter sido realizada exclusivamente por meio digital, visto que essa estratégia, embora prática, pode ter restringido a participação de indivíduos com pouco acesso ou familiaridade com recursos tecnológicos. Dessa forma, pesquisas futuras podem buscar a composição de uma amostra mais ampla e diversificada, contemplando um número maior de mulheres em diferentes

contextos de luto, para além das perdas gestacionais. Por fim, recomenda-se a inclusão de outros construtos psicológicos no modelo, para melhor compreensão das interações com o luto. Por exemplo, a partir da presença de associações com extroversão, inferimos que transitar por contextos sociais pode oferecer maior suporte e acolhimento, favorecendo o luto. Essa hipótese poderia ser estudada em maiores detalhes com avaliação de percepção de suporte social, por exemplo.

### Referências

- Aiken, L. R. (2000). *Psychological testing and assessment*. Boston: Allyn & Bacon.
- Bagby, R. M. et al. (2008). Personality and depression. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 53(1), 14-25.
- Bonanno, G. A., Wortman, C. B., Lehman, D. R., Tweed, R. G., Haring, M., Sonnega, J., Carr, D., & Nesse, R. M. (2002). Resilience to loss and chronic grief: A prospective study from preloss to 18-months postloss. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1150–1164. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.5.1150>
- Barros, E. M. (2008). Tradução e validação do Texas revised inventory of grief (TRIG): aplicação em pais enlutados pela perda de um filho por câncer pediátrico [dissertação]. São Paulo: Fundação Antonio Prudente/CAPES.
- Bonanno, G. A., & Kaltman, S. (1999). Toward an integrative perspective on bereavement. *Psychological bulletin*, 125(6), 760. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.6.760>
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo* (2a ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Boyratz, G., Horne, S. G., & Sayger, T. V. (2010). Finding positive meaning after loss: The mediating role of reflection for bereaved individuals. *Journal of Loss and Trauma*, 15(3), 242–258. <https://doi.org/10.1080/15325020903381683>
- Carroll, J. B. (1993). *Human cognitive abilities: a survey of factor-analytic studies*. Nova York: Cambridge University Press.
- Carvalho, R. G., & Novo, R. F. (2014). Personalidade e comportamentos problema: um estudo comparativo com adolescentes em contexto escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 64-70.
- Casellato, G. (2002). Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. Em M. H. P. Franco (Org.), *Uma jornada sobre o luto: a morte e o luto sob diferentes olhares* (pp. 11-21). Campinas: Livro Pleno.

- Cattell, R. B. (1998). Where is intelligence? Some answers from the triadic theory. In J. J. McArdle & R. W. Woodcock (Orgs.), *Human cognitive abilities in theory and practice* (pp. 29-38). New Jersey: Erlbaum
- Cavalcante, Y. P. (2020). A vivência do luto complicado e as possíveis relações com o surgimento e desenvolvimento de um quadro depressivo uma abordagem baseada na teoria do apego de John Bowlby. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Ciarrochi, J. V. et al. (2000). A critical evaluation of the emotional intelligence concept. *Personality and Individual Differences*, 28, 539-561
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). Resolução no 31/2022. CFP.
- Costa, A. C. F., & Faria, L. M. S. (2014). Avaliação da inteligência emocional: a relação entre medidas de desempenho e de autorrelato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 339-346.
- Davies, M., Stankov, L., & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: In search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(4), 989-1015. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.4.989>
- Dahdah, D. F. (2019). O processo de elaboração do luto e as respostas ocupacionais no cotidiano de mães enlutadas. (Doctoral dissertation, UFSCar).
- De Raad, B., & Perugini, M. (2002). Big five assessment: Introduction. In B. De Raad & M. Perugini (Eds.), *Big five assessment* (pp. 01-26). Germany: Hogrefe & Huber Publishers.
- Djelantik, A. M. J., Smid, G. E., Mroz, A., Kleber, R. J., & Boelen, P. A. (2020). The prevalence of prolonged grief disorder in bereaved individuals following unnatural 24 losses: Systematic review and meta regression analysis. *Journal of Affective Disorders*, 265, 146-156. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.01.034>
- Elliot, A. J., & Thrash, T. M. (2002). Approach-avoidance motivation in personality: approach and avoidance temperaments and goals. *Journal of personality and social psychology*, 82(5), 804.
- Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 2, p. 273-283.
- Freud, S. Luto e Melancolia (1917 [1915D]). In: FREUD, S. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

- Folkman, S. et al. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 50, n. 5, p. 992-1003.
- Galton, F. (1883). *Inquiry into human faculty and its development*. London: Macmillan.
- Goleman, D. (1995). *Emotional Intelligence*. New York: Bantam Books.
- Galvão, S. L. (2024). *Atitudes perante a morte, regulação emocional e depressão no luto* (Master's thesis).
- Gupta, S., & Bonanno, G. A. (2011). Complicated grief and deficits in emotional expressive flexibility. *Journal of abnormal psychology*, 120(3), 635–643. <https://doi.org/10.1037/a0023541>
- Hill, P. L. (2016). Personality and social well-being. In L. M. Scheier (Ed.), *The Oxford Handbook of Positive Psychology* (3<sup>a</sup> ed., pp. 205–213). Oxford University Press.
- Hogan, N. S. et al. (2001). Development and validation of the Hogan Grief Reaction Checklist. *Death studies*, 25(1), 1–32. <https://doi.org/10.1080/07481180125831>
- Horn, J. L. (1991). Measurement of intellectual capabilities: a review of theory. In K. S. McGrew, J. K. Werder, & R. W. Woodcock (Orgs.), *WoodcockJohnson technical manual* (pp. 197-232). Chicago: Riverside.
- Kübler-Ross, E. (1969). *On Death and Dying*. Tavistock Publications, London, UK.
- Kuok, A. C. (2022). Emotional intelligence, work satisfaction, and affective commitment: An occupational health study of social workers. *Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones*, 38(3), 223-230.
- Larsen, R. J., & Buss, D. M. (2014). *Personality psychology: Domains of knowledge about human nature* (5<sup>a</sup> ed.). McGraw-Hill Education.
- Lichtenthal, W. G. et al. (2004). A case for establishing complicated grief as a distinct mental disorder in DSM-V. *Clinical psychology review*, 24(6), 637-662.
- Lopes, B. G. et al. (2017). Luto materno: dor e enfrentamento da perda de um bebê. *Rev Rene*, 18(3), 3.
- Lopes, P. N., Salovey, P., & Straus, R. (2003). Emotional intelligence, personality, and the perceived quality of social relationships. *Personality and Individual Differences*, 35(3), 641–658. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00242-8](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00242-8)
- Lundorff, M., Johannsen, M., & O'Connor, M. (2020). Time elapsed since loss or grief persistency? Prevalence and predictors of ICD-11 prolonged grief disorder using different applications of the duration criterion. *Journal of Affective Disorders*, 279, 89–97. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.09.116>

- MacCann, C. et al. (2014). Emotional intelligence is a secondstratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. *Emotion*, 14(2), 358–374
- Mayer, J. D. et al. (1990). Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: a component of emotional intelligence. *Journal of Personality Assessment*, 54 (3-4), 772-781. <https://doi.org/10.1080/00223891.1990.9674037>
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence: Implications for educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books
- Mayer, J. D. et al. (2002). Inteligência Emocional como zeitgeist, como personalidade e como aptidão mental. In R., Bar-On, J. D., & Parker. (Org.). *Manual de inteligência emocional: Teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. (pp. 81- 98). Porto Alegre: Artmed.
- Mayer, J. D. et al. (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V2.0. *Emotion*, 3(1), 97–105.
- Mayer, J. D. et al. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*, 8(4), 290–300. <https://doi.org/10.1177/1754073916639667>
- McGrew, K. S. (1997). Analysis of the major intelligence batteries according to a proposed comprehensive Gf-Gc framework. In D. P. Flanagan, J. L. Genshaft, & P. L. Harrison (Orgs), *Contemporary intellectual assessment: theories, tests, and issues* (pp. 151-179). Nova York: Guilford.
- McGrew, K. S., & Flanagan, D. P. (1998). *The intelligence test desk reference (ITDR) – Gf-Gc cross battery assessment*. Boston: Allyn & Bacon.
- Meuser, T. M. & Marwit, S. J. (2000). An integrative model of personality, coping, and appraisal for the prediction of grief involvement in adults. *Omega*, 40, 375–393.
- Middleton, W. et al. (1997). Psychological distress and bereavement. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 185, 447–453.
- Miguel, F. K. (2021). *Bolie: bateria de inteligência emocional*. 1. ed. São Paulo: Vetor Editora.
- Miguel, F. K. et al. (2016). Panorama atual do estudo das emoções. In F. K. Miguel, J. M. H. Bueno, L. F. et al. Montiel (Eds.), *Atualizações em avaliação e tratamento das emoções: As emoções e seu processamento normal e patológico* (1st ed., Vol. 2, pp. 11–22). Vetor.
- Miguel, F. K. et al. (2018). Estudos de validade do questionário online de empatia. *Trends in Psychology*, 26, 2203-2216.

- Milic, J., Muka, T., Ikram, M. A., Franco, O. H., & Tiemeier, H. (2017). Determinants and predictors of grief severity and persistence: the Rotterdam study. *Journal of Aging and Health, 29*(8), 1288-1307. <https://doi.org/10.1177/0898264317720715>
- Muza, J. C. et al. (2013). Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. *Psicologia: teoria e prática, 15*(3), 34-48.
- Neta, N. F. A. et al. (2008). A inteligência emocional no âmbito acadêmico: Uma aproximação teórica e empírica. *Psicologia Argumento, 26*(52), 11-22.
- Netto, J. V. G. (2015). As fases do luto de acordo com Elisabeth Kübler-Ross. *Anais Eletrônico IX EPCC–Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar, 9*, 4-8.
- Nunes, C.H.S.S. et al. (2017). Avaliação da personalidade a partir de teorias fatoriais de personalidade. In C.S. Hutz, D.R. Bandeira, & C.M. Trentini (Org.) (2018). *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. Porto Alegre: Artemed, vol.1, pp.217-232.
- Óbitos infantis -Notas Técnicas da Diretoria de Vigilância Epidemiológica -DIVEP. (n.d.). [http://www3.saude.ba.gov.br/cgi/sim/docs/NT\\_Obitos\\_Inf.pdf](http://www3.saude.ba.gov.br/cgi/sim/docs/NT_Obitos_Inf.pdf)
- Passos, M. F., & Laros, J. A. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão de literatura. *CEP, 70910*, 900.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (Vol. 56). Summus editorial.
- Peña-Vargas, C. et al. (2021). A biopsychosocial approach to grief, depression, and the role of emotional regulation. *Behavioral Sciences, 11*(8), 110.
- Pepegova, E. (2025). Prolonged Grief Disorder in Bereaved Adults: The Role of Cause of Death and Time Since Loss (Bachelor's thesis, University of Twente).
- Petrides, K. V., & Furnham, A. (2001). Trait emotional intelligence: Psychometric Investigation with reference to established trait taxonomies. *European Journal of Personality, 15*(6), 424-448. <https://doi.org/10.1055/s-0044-102012>
- Petrides, K. V. et al. (2016). Developments in trait emotional intelligence research. *Emotion review, 8*(4), 335-341.
- Pires, J. G. et al. (2019). Avaliação da Personalidade e o Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Compêndio de Avaliação Psicológica. Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, 1*.
- Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *Revista Psicologia, 12*(1), 13-24.
- Robinson, T., & Marwit, S. J. (2006). An investigation of the relationship of personality, coping, and grief intensity among bereaved mothers. *Death studies, 30*(7), 677-696.

- Robinaugh, D. J., LeBlanc, N. J., Vuletich, H. A., & McNally, R. J. (2014). Network analysis of persistent complex bereavement disorder in conjugally bereaved adults. *Journal of Abnormal Psychology, 123*(3), 510–522. <https://doi.org/10.1037/abn0000002>
- Rubin S. S. (1999). The two-track model of bereavement: overview, retrospect, and prospect. *Death studies, 23*(8), 681–714. <https://doi.org/10.1080/074811899200731>
- Rubin, S. S. et al. (2009). The two-track model of bereavement questionnaire (TTBQ): development and validation of a relational measure. *Death studies, 33*(4), 305–333. <https://doi.org/10.1080/07481180802705668>
- Salovey, P., & Mayer, J.D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality, 9* (3), 185-221. <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>
- Salovey, P. et al. (2004). Emotional intelligence: Theory, findings, and implications. *Psychological inquiry, 15*(3), 197-215.
- Sanchez-Ruiz, M. J., Tadros, N., Khalaf, T., Ego, V., Eisenbeck, N., Carreno, D. F., & Nassar, E. (2021). Trait emotional intelligence and wellbeing during the pandemic: The mediating role of meaning-centered coping. *Frontiers in Psychology, 12*, 648401. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.648401>
- Schelini, P. W. (2006). Teoria das inteligências fluida e cristalizada: início e evolução. *Estudos de Psicologia (Natal), 11*, 323-332.
- Schelini, P. W. et al. (2013). Aumento da inteligência ao longo do tempo: efeito Flynn e suas possíveis causas. *Psico-UsF, 18*, 45-52.
- Shand, A. F. (1914). Instinct and emotion. In A. F. Shand, *The foundations of character: Being a study of the tendencies of the emotions and sentiments* (pp. 177–196). MacMillan Co. <https://doi.org/10.1037/10666-016>
- Silva, I.B. & Nakano, T.C (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica, 10*(1), 51-62
- Spearman, C. (1904). “General intelligence,” objectively determined and measured. *American Journal of Psychology, 15*, 201–293. [www.jstor.org/stable/1412107](http://www.jstor.org/stable/1412107)
- Spearman, C. (1927). *The abilities of man: Their nature and measurement*. New York: Macmillan.
- Soto, C.J. & John, O.P. (2009). Ten facet scales for the Big Five inventory: convergence with NEO PI-R facets, self-peer agreement, and discriminant validity. *Journal of Personality, 43*, 84-90
- Soto, C. J. et al. (2016). Five-factor model of personality. In S. K. Whitbourne (Ed.), *Encyclopedia of adulthood and aging* (Vol. 2, pp. 506-510). Hoboken, NJ: Wiley.

- Sternberg, R. J., & Kaufman, S. B. (Eds.). (2011). *The Cambridge handbook of intelligence*. Cambridge University Press.
- Stroebe, M., & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death studies*, 23(3), 197–224. <https://doi.org/10.1080/074811899201046>
- Suárez, L. D. A. B. et al. (2020). Entre flores e sepultura: a maternidade e o processo de perda de um filho. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 10(3), 23-30.
- Taylor, S. (2021). Transformation through loss and grief: A study of personal transformation following bereavement. *The Humanistic Psychologist*, 49(3), 381–399. <https://doi.org/10.1037/hum0000172>
- Usán, P. et al. (2020). Relaciones entre la inteligencia emocional, el burnout académico y el rendimiento en adolescentes escolares. *Rev. CES Psico*, 13 (1), 125-139
- Wiltenburg, T. D., & Miguel, F. K. (2021). Estudo de validade do Questionário Online de Regulação Emocional. *Psico*, 52(1), e34728-e34728.
- Worden, J. W. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas. Submetido, 13(01), 2018.
- Woyciekoski, C., & Hutz, C. S. (2009). Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22, 1-11.
- Xu, X., Wen, J., Zhou, N., Shi, G., Tang, R., Wang, J., & Skritskaya, N. A. (2020). Grief and posttraumatic growth among Chinese bereaved parents who lost their only child: The moderating role of interpersonal loss. *Frontiers in Psychology*, 11, 558313. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.558313>